

Eduardo Pires de Oliveira

**ENTRE DOURO E MINHO
E MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII.
RELAÇÕES ARTÍSTICAS**

Traslado de lei de Sua Majestade sobre os passageiros dos Brasis¹

Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, Senhor da Guiné e da conquista da navegação e comércio da Etiópia, Arábia Pérsia e da Índia, etc., faço saber a seu ouvidor da comarca e cidade de Braga ou a quem a nosso cargo servir que eu passei agora uma lei por mim assinada e passada pela minha chancelaria da qual o traslado é o seguinte:

Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e dalém mar em África, Senhor da Guiné e da conquista da navegação e comércio da Etiópia, Arábia Pérsia e da Índia, etc., faço saber aos que esta minha lei virem que não tendo sido bastantes as providências que até ao presente tenho dado nos decretos de vinte e cinco de Novembro de mil setecentos e vinte, digo e dezanove de Fevereiro de mil setecentos e onze para se proibir que deste reino passe para as capitânicas do estado do Brasil a muita gente que todos os anos se ausenta dele, principalmente da província do Minho, que sendo a mais povoada se acha hoje em estado que não há gente necessária para a cultura das terras nem para, nem para (sic) os serviços dos povos, cuja falta se faz tão sofrível que necessita de acudir-se-lhe com o remédio pronto e tão eficaz que se evite a frequência com que se vai despovoando o reino, fui servido resolver que nenhuma pessoa de qualquer qualidade ou estado que seja possa passar / fol. 158 / passar às referidas Capitânicas senão as que forem despachadas com governos, postos, cargos ou ofícios de justiça e fazenda as quais não levarão mais criados que a cada uma cumprir conforme a sua qualidade e emprego sendo estes portugueses e das pessoas eclesiásticas as que forem nomeadas bispos, missionários, prelados e religiosos das religiões do mesmo estado professos nas províncias dele como também os capelães dos navios que navegam para o mesmo estado e dos seculares além dos referidos só poderão ir os que mostrando que são portugueses justificarem com documentos autênticos que vão fazer negócio considerável e de importância com fazendas suas e até as para voltarem ou os que outrossim justificarem terem negócios tão precisos que se não forem

¹ - Arquivo Distrital de Braga – Livro que contém diferentes Alvarás de diversos reis, fol. 157-161.

acudir a eles lhes causará grande prejuízo cujas circunstâncias se hão de examinar nesta corte pelo Desembargador Belchior do Rego Andrade ou outro qualquer ministro que na sua falta eu for servido nomear depois de um exacto exame correrão as partes à secretaria de estado para se lhes passar os seus passaportes os quais se não passarão sem a referida procuração; e dos que se embarcarem na cidade do Porto pelo chanceler da Relação dela e da vila de Viana [do Castelo] pela pessoa que governar as armas daquela província, os quais somente darão os ditos passaportes constando-lhes primeiro por certas averiguações passam às referidas capitánias com os cargos e ocupações sobreditas e não com outro qualquer pretexto e para que assim se executem a ordeno à dita pessoa que governar as armas e ao chanceler da / fol. 159 / da Relação que nos navios que daqueles portos saírem para as capitánias do estado do Brasil na hora de se fazerem à vela lhes mandem dar busca e achando neles praça de soldado e não a tendo serão remetidos presos às cadeias correndo (sic) estarão seis meses e pagarão cem mil reis de condenação que aplico para as despesas do Conselho Ultramarino e não tendo com que pagar a dita condenação irão degradados para a África por tempo de três anos e nesta corte se praticará o mesmo quando estiverem para partirem as frotas mandando-se fazer esta diligência pela Secretaria de estado e os capitães e mestres dos navios em que forem achados incorrerão na pena de quatrocentos mil reis que também [serão] aplicados para as despesas do mesmo Conselho e para não embaraçar a saída aos mesmos navios fazendo-lhe outro de achada (sic) os deixarão seguir sua viagem remetendo o dito auto ao Conselho Ultramarino para na torna viagem se proceder contra eles pelas ditas condenações e para que mais exactamente se observe a disposição referida ordeno que nenhum navio ou embarcação que for dos portos deste reino para as capitánias do Brasil possam sair deles sem levarem a lista da gente para seu serviço e navegação e que nos portos do Brasil não desembarque pessoa alguma sem que primeiro o mestre ou capitão dê parte do governador do porto a que chegar e este mande visitar a dita embarcação o qual achando que nela vai mais gente do que constar da lista sem passaporte a prendam e a remetam a este reino para nele executar a pena / fol. 160 / referida autuando o mestre e capitão e remetendo o auto ao Conselho Ultramarino para por ele se executar a condenação que importa e aos que

levarem gente sem passaporte cujas diligências encomendo muito particularmente aos governadores e porque ainda todas estas cautelas poderão ser bastantes para evitar a passagem da gente deste reino para as ditas capitánias hei por bem declarado que tendo qualquer pessoa notícia que algum capitão ou mestre leva na sua embarcação gente sem passaporte os possam denunciar sendo metade da condenação que eles esta importa para o denunciante e a outra metade para as despesas do Conselho Ultramarino e porque muitos estrangeiros ...

... pelo que mando ao aferidor da Casa da Suplicação governador da Relação e Casa do Porto e do estado do Brasil, desembargadores das ditas Relações, governadores das províncias, ouvidores, juizes, justiças, oficiais e pessoas destes meus reinos e senhorios que cumpram / fol. 160 / que cumpram esta minha lei e a façam inteiramente cumprir e guardar como nela se contem e para que venha a notícia a todos e se não possa alegar ignorância mando outrossim ao Doutor José Galvão de Lacerda, do meu conselho e chanceler - mor destes reinos e senhorios a faça publicar nos regedores e ouvidores das comarcas e aos ouvidores das terras dos donatários em que os corregedores não entrem por correição e se registrarão nos livros do desembargo do Paço e nos das casas da Suplicação e Relação do Porto e nos do Conselho Ultramarino e mais partes onde semelhantes leis costumam registrar...

... dada na cidade de Lisboa Ocidental aos oito dias do mês de Abril, El - Rei nosso senhor a mandou ... foi publicada esta e nesta cidade de Braga, digo nos lugares públicos dela ao som de caixa tangida hoje em Braga o primeiro de Maio e eu escrivão de que dou fé, eu Jerónimo da Silva, escrivão das execuções que o escrevi Silva. E não se continha mais / fol. 161 / e não se continha mais na dita lei que foi publicada na forma dela e por verdade aqui a fiz trasladar. Braga, dez de Maio de mil setecentos e vinte e eu Jerónimo da Silva, escrivão das execuções que a subscrevi.

E foi assim, arrostando tão graves penas, que um número incontável de pessoas passaram deste Entre Douro e Minho, a mais setentrional província de Portugal, para o Brasil. Hoje não temos dados seguros que nos informem

sobre o número dos habitantes que saíram sem passaporte; acreditamos, contudo, que deve ter sido a maioria.

Claro está que, de imediato, há uma pergunta que deverá de ser formulada:

Que sociedade era esta que estava disposta a ir contra o poder real, que povo era este que era capaz de enfrentar penas tão pesadas?

Entre Douro e Minho era a província mais povoada de Portugal. A introdução da planta do milho, cereal que se adaptou perfeitamente a um clima húmido e que possibilitava a cultura em terrenos de meia encosta, permitiu que durante cerca de uma centúria a economia se expandisse. Mas permitiu, também, que em todas as famílias muitas mais filhas segundas se pudessem casar e, conseqüentemente, houvesse uma explosão populacional. O mesmo fenómeno aconteceu, aliás, na vizinha Galiza.

Além disso, o seu povo era profundamente católico e estava governado pelo mais importante arcebispo do país – o de Braga – e pelo bispo do Porto. Estes prelados souberam fazer implantar fortemente as doutrinas e as directrizes saídas do Concílio de Trento. A melhoria económica ocasionada pela nova planta do milho possibilitou que os visitantes (padres que corriam as paróquias analisando os costumes das populações e o estado de conservação e beleza das igrejas) ordenasse um sem número de alterações no que respeitava aos templos, fosse no domínio da arquitectura, fosse no dos retábulos, pinturas, esculturas sagradas, ourivesaria, paramentos, etc.

Essa a razão porque nestas duas cidades, sobretudo na primeira, se desenvolveram tão fortemente as oficinas de artistas ligadas à arte sacra. Embora não haja ainda estudos que nos dêem valores quantitativos sobre o número de pessoas empregadas nestas artes não duvidamos que devam ter atingido o lugar cimeiro ou, quando muito, o segundo.

Um momento houve em que o milho já não conseguia alimentar tanta gente e que os artistas eram em número excessivo para as necessidades das populações das duas dioceses. Então os homens começaram a correr mundo. Essa a razão porque se encontram artistas minhotos na distante

província do Alentejo a ajudar a levantar o palácio de Vendas Novas; essa a razão porque estas gentes começaram a procurar horizontes mais longínquos.

Claro está que uma lei tão impopular dificilmente deve ter recebido alguma aceitação. O facto de ter sido promulgada três vezes mostra-nos bem que foi muito pouco acatada apesar das penas serem extremamente violentas. O Brasil era um sonho maravilhoso, uma miragem almejada, embora a vontade de voltar, a lembrança da aldeia, vila ou cidade de origem estivesse sempre bem presente, no mais íntimo de cada coração.

Que tipo de relacionamento havia entre estes dois locais tão distantes, com um imenso oceano a separá-los?

Por muito difícil que nos possa hoje parecer havia uma circulação muito forte de pessoas, bens e ideias. Como vimos pelo decreto acima transcrito era aparentemente difícil sair de Portugal em direcção ao Brasil. Mas não era impossível; tanto que foi necessário insistir no cumprimento daquela lei.

De Minas era igualmente difícil sair; mas também não era impossível. E, casos havia, de pessoas que vinham a Portugal e depois voltavam. António Pereira de Sousa Calheiros, agente de negócios e arquitecto é um dos casos mais conhecidos no domínio da arte². O pintor Pedro Ferreira, que em 1737 veio de Sabará para Braga aprender a arte da pintura pode também servir de exemplo³.

Mas também circulavam bens de todos os tipos e qualidades. Eugénio dos Santos deu-nos já uma primeira notícia nesse sentido; e é curioso que entre esses bens circulassem gravuras, muito possivelmente para informação artística dos que tinham a arte como ofício⁴. Pena é que a fonte não nos dê mais pormenores, não nos diga que tipo de gravuras eram expedidas de Portugal. Não nos devemos esquecer que um simples e vulgar registo de

² - Sobre este arquitecto veja-se o nosso estudo *De Braga para Minas Gerais no século XVIII: Novos dados biográficos e artísticos sobre o arquitecto António Pereira de Sousa Calheiros* na nossa colectânea *Estudos sobre Braga e o Minho no século XVIII. História e Arte ...*

³ - Sobre este aprendiz de pintor veja-se o estudo de Ivone SOARES *Pedro Pintor ...*

⁴ - SANTOS, Eugénio dos – *Relações da cidade e região do Porto com o Rio de Janeiro e Minas Gerais no século XVII ...*

santo pode dar uma forte carga de informação a um escultor, pintor ou arquitecto⁵.

E, de igual forma, também havia trânsito de objectos artísticos de lá para cá. Veja-se, por exemplo, o caso referido por Manuel Leão das 68 gravuras que João Lopes da Silva Ferraz, do Rio de Janeiro, enviou para o Porto no ano de 1789⁶.

Conhecem-se bem as datas de saída destes emigrantes? E as datas de chegada ao Brasil?

Infelizmente só podemos ter essa informação a partir de meados da década de 60. Lamentamos que estejam tão pouco desenvolvidos os estudos sobre a emigração minhota para o Brasil – e Minas Gerais em particular – no século XVIII⁷. É, aliás, gritante, a falta de estudos de base sobre o relacionamento entre estas duas comunidades.

O que normalmente acontece quando se quer estudar os percursos de vidas dos artistas “mineiros⁸” é um pouco frustrante. Há um trabalho fundamental, o *Dicionário* de Judith Martins⁹. Nele podemos saber, de uma maneira quase sempre imprecisa, a localidade de origem do artista e alguns dos locais onde, em Minas Gerais, veio a exercer a sua actividade. Mas não só há ainda muitos outros livros a pesquisar nos arquivos mineiros, como raramente as informações recolhidas nos dão apreciações de carácter estético que nos permitam remeter para a vida anterior em Portugal.

⁵ - Veja-se, por exemplo, o caso de André Soares. Robert Smith demonstrou a importância do uso das gravurinhas dos irmãos Klauber na génese da arte deste arquitecto bracarense. Vejam-se os seus livros *André Soares ...* e *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*, vol. 1 ...

⁶ - Manuel LEÃO – *O Brasil e os artistas portugueses dos séculos XVII e XVIII ...* pág. 47.

⁷ - O estudo de Donald Ramos *From Minho to Minas ...* é muito importante porque nos dá uma primeira aproximação ao problema da emigração do noroeste de Portugal para Minas no século XVIII e inícios do seguinte. Mas fazem falta estudos mais desenvolvidos e parcelares. Lembramos aqui duas das suas conclusões:

(2) *That immigrants to Minas Gerais came primarily from the North of Portugal, a socially distinct region* e (3) *The nature and structure of the Northern Portugal family was very similar to that found in Minas Gerais during the eighteenth and early nineteenth centuries. Finally, this study suggests that the explanation for this similarity may be found in the predominance of northern Portuguese emigration – the mining zone of Minas Gerais – that exhibited some of the same broad economic features as Northern Portugal.*

Agradeço o conhecimento deste estudo à Professora Doutora Júnia Furtado.

⁸ - Entendemos aqui por “mineiro” todo aquele que, independentemente do seu local de origem, vivia e trabalhava em Minas Gerais.

E, depois, quando tentamos seguir o mesmo percurso no Entre Douro e Minho de origem, sentimos um problema semelhante¹⁰. Isso faz com que a impressão que se tem ao visitar as cidades históricas mineiras como, por exemplo, Ouro Preto, Mariana, Tiradentes ou Diamantina - que nos lembram de uma forma tão imediata que estamos no Minho, em Ponte de Lima ou Guimarães - se nos esvaia quando começamos a querer encontrar dados mais concretos, mais palpáveis, para justificarmos com verosimilhança histórica a similitude arquitectónica que os nossos olhos vêem.

Vejamos: nos documentos quase não existem sinais da vida europeia destes homens; mas não as podemos documentar de outra forma?

Sem dúvida que sim. A análise formal permite-nos compreender um objecto artístico e enquadrá-lo num contexto estilístico; mas poderá ser perigosa quando não se tem em conta que esse objecto foi feito por um ser humano¹¹. Se ao lado da análise formal tivermos um cuidadoso estudo documental já então poderemos ter uma compreensão mais perfeita e bastante menos falível.

Francisco Lima Cerqueira, conceituado mestre de pedraria e arquitecto mineiro, natural de Valença, uma povoação do extremo norte de Entre Douro e Minho, trabalhou na igreja de S. Francisco de Assis, de S. João del Rei, a partir do ano de 1774¹². Entre as diversas obras de qualidade que esta igreja possui salientamos o lavabo da sacristia e os retábulos.

⁹ - MARTINS, Judith – *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais ...*

¹⁰ - Não conhecemos ainda alguma explicação para o facto de raramente haver referências à anterior actividade dos homens que em Minas se vieram a revelar como artistas. Mas avançaremos com uma hipótese: como o período de aprendizagem era muito longo só por volta dos 25 anos o artista se poderia considerar capaz para abrir uma oficina. É possível que a maior parte destes homens tenha saído para o Brasil ainda em idade jovem - quem sabe se após essa aprendizagem – e, portanto, ainda sem ter tomado a seu cargo a responsabilidade de alguma obra.

¹¹ - Ser humano que poderá ter um gosto antiquado, que poderá preferir que a arquitectura para o seu palácio ou capela, por exemplo, seja feita num estilo já passado. Veja-se, por exemplo, a permanência de valores maneiristas nas obras mandadas fazer na arquidiocese de Braga pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728).

¹² - ALVARENGA, Luís de Melo – *Francisco de Lima Cerqueira. O artista e as suas obras ...*

É um pouco duvidosa a atribuição de paternidade a estas peças como, aliás, a quase tudo quanto se conhece desse templo. Sabemos que o projecto inicial global pertenceu ao Aleijadinho; mas também não há dúvidas que Lima Cerqueira fez alterações profundas em todo o templo.

Ora, se nós olharmos para o lavabo, não temos grandes dúvidas em nos lembrarmos imediatamente da pequena capela de Santa Maria Madalena da Falperra, junto a Braga, obra concebida por André Soares em 1753. Estes lavabos não tem par entre os outros magníficos exemplares das sacristias mineiras.

Mas se também repararmos na profunda verticalidade dos seus retábulos, bastante raros na arte retablística de Minas Gerais, voltamos a receber a mesma sensação que tivemos com o lavabo. Retábulos com uma estrutura semelhante – pese as diferenças estilísticas existentes - só os encontramos na mesma capela de Santa Maria Madalena, também eles concebidos por André Soares, em 1763.

Aparentemente tudo poderia ser pacífico: nada mais natural que Lima Cerqueira tivesse visto obras de André Soares antes de vir para Minas. Mas hoje sabemos que este artista já se encontra documentado em Ouro Preto a partir do ano de 1761.

Talvez a resposta passe por outros caminhos. Já atrás dissemos que Minas recebeu muita informação artística através de gravuras. Mas também não nos podemos esquecer que havia homens a chegar continuamente de Portugal. E é bem conhecido que nesta região de S. João del Rei e Tiradentes se encontrava a trabalhar muita gente oriunda da cidade de Braga¹³. Nada mais natural que alguém tivesse trazido informação sobre estes retábulos da Falperra; e como o espaço da igreja de S. Francisco de Assis se prestava à verticalidade foi possível ensaiar esta experiência.

Claro está que estas semelhanças, estas identificações, também encerram diferenças, outras formas de tratamento das mesmas ideias e obras como já Germain Bazin detectara há quase meio século:

¹³ - Veja-se o nosso artigo "*Brasileiros*" e *bracarenses na construção da arte do século XVIII bracarense e "brasileira"* na já atrás citada colectânea *Estudos sobre Braga e o Minho no século XVIII ...* (pág. 217-244)

On a dit que c'est surtout l'art de la région de Braga que avait inspiré celui de Minas et c'est vrai peut-être pour le vocabulaire, mais non pour l'esprit.

La simplification de plan de l'église, par suppression des corridors, était déjà réalisée à Braga à la fin du XVII^e siècle; Minas reprend cette donnée et l'enrichit du rythme des courbes. L'application à l'ornementation architecturale du vocabulaire rocaille, l'emploi de l'ordre composite, d'ailleurs adulteré par l'esprit rococo, à la manière de Borromini, tout cela est propre à l'architecture du Minho – Douro; les lourds chapiteaux refouillés de São Francisco de São João del Rei trouvent leurs analogues dans ceux de la chapelle dos Malheiros, à Viana do Castelo, par exemple; avec leur coquille s'épanouissant au centre et leur volutes à rocaille dentelée, l'un et l'autre évoquent des chapiteaux comme ceux du Palais Cagiati à Rome. Cependant l'esprit de l'architecture de Minas est profondément différent de celui qui est en usage à Braga à l'époque rococo. Dans le Nord du Portugal, s'achève la désintégration de l'architecture par l'ornement dans un lyrisme exubérant, évoquant une renaissance qui animait l'art manuel. Si les architectes de Minas aiment l'effet de richesse de l'ornement rocaille, ils savent le discipliner, le plier à l'unité d'une rythmique architecturale. En cela, ils s'inspirent de l'art de Lisbonne et de l'Alentejo ...¹⁴

Em contrapartida John Bury não acreditava com tanta força na influência directa da arte portuguesa e minhota nesta arte mineira, sobretudo devido à quase ausência de exemplos de igrejas com *formas arquitectónicas curvilíneas e barrocas*¹⁵. Mas a realidade brasileira, e sobretudo mineira, se é certo que nos deu exemplares excepcionais como os sempre referidos templos do Rosário dos Pretos, de Ouro Preto e de São Pedro dos Clérigos, de Mariana, também não é assim tão abundante em edifícios religiosos com plantas curvilíneas. Lembramos só que, ao contrário do que Bury afirma, no

¹⁴ - Germain BAZIN – *L'architecture religieuse baroque au Brésil ...* vol. 1, pág. 211-212.

¹⁵ - John BURY – *Arquitectura e arte no Brasil colonial ...* pág. 180.

Minho se construíram entre os séculos XVI e XVIII um número infindável de pequenas capelas de planta centrada, umas de cruz grega, outras quase redondas, quadrangulares ou com outras formas.

Claro está que é perfeitamente verosímil que Sousa Calheiros tenha conhecido tratados de arquitectura, sobretudo de origem alemã e austríaca, onde possa ter encontrado inspiração para vir a conceber estas plantas; o que, diga-se, só redundaria numa maior aproximação ao rococó minhoto pois é bem conhecida a importância que tiveram as gravuras de Augsburg na arte de André Soares como, aliás, o próprio Bury também aceita:

Podem-se encontrar paralelos, se não precedentes, para todas as características dessas igrejas na arquitectura setecentista do Piemonte e da Europa Central. A fachada da Kollegienkirche, em Salzburgo (1696), projecto de Fischer von Erlach, publicada em seu livro Entwurff einer Historischen Architectur (Viena, 1721, livro 4, prancha 9, edições posteriores em Leipzig, 1725, 1742, Londres, 1730 e 1737), pode muito bem ter chegado ao conhecimento do Dr. António Pereira de Sousa Calheiros, entre outros modelos de projectos. Porém, mesmo no caso de se verificarem, de facto, influências centro europeias ou polonesas em Minas Gerais, isso paradoxalmente faria em um certo sentido a arquitectura mineira ainda mais tipicamente portuguesa, já que influências estrangeiras de diversos tipos são um tema recorrente na história arquitectónica das províncias portuguesas, especialmente a do Minho¹⁶.

Essa resposta leva-nos a uma das perguntas que tínhamos pensado fazer. Sabemos que em Minas Gerais não eram só as pessoas de profissão artística que trabalhavam em actividades relacionadas com a arte; no que parece haver uma similitude com o Entre Douro e Minho ...

¹⁶ - Idem, idem, idem. Deve referir-se que Bury inseriu estas palavras no seu estudo *As Igrejas "Borromínicas" do Brasil Colonial* cuja publicação precedeu um ano (The Art Bulletin, Nova Iorque, 37 (1), Mar. 1955) o livro de Bazin.

Riscar, no séc. XVIII, no mundo português, não era uma actividade que pertencesse apenas ao domínio dos arquitectos. Como, aliás, hoje em dia.

Quem quisesse podia conceber um alçado ou uma planta. E, da mesma forma, não se punha a questão da autoria. Pelo que também se não questionava o direito de livremente serem feitas cópias. Aliás, a simetria, tão do agrado da sensibilidade barroca, levava a que, muitíssimas vezes, se reproduzissem fielmente os retábulos existentes do outro lado da nave da igreja.

Sabemos hoje que a mais espantosa planta de um templo em todo o espaço do mundo português – e não apenas brasileiro – pertenceu a um homem cuja formação académica nada tinha a ver com as artes. Tanto quanto se sabe António Pereira de Sousa Calheiros era um homem formado em cânones¹⁷. Isso não o impediu de ter projectado vários edifícios importantes, entre eles a bem conhecida igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Ouro Preto, cuja planta tem a forma de uma dupla elipse!

Muitos outros nomes se poderiam fastidiosamente juntar. Mas não resistimos apenas a lembrar a figura de Manuel José Correia Alvarenga, não por ter concebido algum desenho, mas sim pela descrição que fez das exéquias que em S. João del Rei, na matriz de Nossa Senhora do Pilar, se celebraram em homenagem a D. João V.

No seu folheto *Monumento do agradecimento, tributo da veneração, obelisco funeral do obsequio ...* não só nos permite conhecer com pormenor um momento importante da arte efémera portuguesa como, também, publicou uma gravura em que se pode ver o mausoléu, obra que tinha sido concebida pelo hoje desconhecido sargento-mor António Morais de Sarmiento¹⁸.

Este Correia Alvarenga era um homem natural de Braga, onde nascera em 1717; escreveu o livro *Braga Triunfante ...* (Coimbra, 1742) em que narra a entrada do novo arcebispo bracarense D. José de Bragança, irmão bastardo de D. João V. Veio mais tarde a procurar fortuna em S. João del Rei; sabe-se que em 1753 ofereceu 3.150\$000 reis pela serventia do ofício de tabelião de S. João del Rei¹⁹.

¹⁷ - OLIVEIRA, Miriam Ribeiro de – *Minas Gerais e o rococó. Contexto social, arquitectura e talha ...*

¹⁸ - SMITH, Robert C. – *Os mausoléus de D. João V nas quatro partes do mundo ...*

¹⁹ - Arquivo Público Mineiro, Códice SC 102, fol. 60v-61v.

Mas passemos aos factos. Pode indicar algumas obras vindas directamente de Entre Douro e Minho?

Como atrás se disse havia uma corrente bastante forte de comércio entre Minas e o Minho. Esta actividade, repetimos, era exercida para os mais diversos tipos de objectos como muito bem notaram Cândido Santos e Cecília Reis²⁰.

Manuel Leão deu-nos já a conhecer uma série de documentos onde se vê que houve o mais variado comércio de objectos de arte, nos dois sentidos, com o Brasil²¹.

Mas poderemos lembrar, também, a encomenda de uma série de imagens feita ao grande entalhador bracarense Marceliano de Araújo²². Esta encomenda era proveniente de S. José do Rio das Mortes, actual Tiradentes, onde havia uma enorme colónia de bracarenses e minhotos.

Tudo indica que a sua origem tenha estado em Pedro Monteiro de Sousa um excelente entalhador de Braga que razões várias fizeram que precisasse de buscar rápida fortuna, conforme se pode ler numa carta escrita em 1737 pelo capitão-mor das ordenanças de S. José do Rio das Mortes, José Álvares de Azevedo, e transcrita num tabelião bracarense cinco anos mais tarde:

... Fico certo em V.^a Mercê pegou na obra de retábulos, com imagens, neste mês de Agosto próximo

... Espero que as imagens sejam coisa boa, principalmente os rostos, que as roupas ainda podem disfarçar-se algum defeito. São José e Nossa Senhora da Piedade são para os altares colaterais, que se lhe hão de acomodar, de sete palmos ou oito, nas meias laranjas, com seu retabolozinho, nicho e peanha, tudo à mesma proporção da grande.

²⁰ - Sobre Cândido dos Santos ver o artigo referido supra. Para Maria Cecília REIS veja o seu livro *Do rio Douro à baía de Guanabara Ensaio sobre a mentalidade e o trato mercantil setecentista ...*

²¹ - *O Brasil e os artistas portuenses dos séculos XVII e XVIII ...*

²² - Veja-se o nosso artigo supra "*Brasileiros*" e *Bracarenses ...*

Os preços devem ter sido um pouco mais altos que os valores normalmente atribuídos, o que levou Pedro Monteiro de Sousa a discordar e a dar conhecimento a Azevedo:

Enquanto respeita aos preços que na de Pedro Monteiro diz, não digo nada e o faço a V.^a Mercê juiz em causa própria. Fará V.^a Mercê o que entender em consciência, pois sei é homem dela. Na paga há de V.^a Mercê ser satisfeito sem prejuízo seu, com favor de Deus.

Infelizmente não se sabe onde se encontram hoje estas esculturas.

Outras poderão ser as formas de encontrar esse passado comum, longe da “fria” documentação dos poeirentos arquivos.

Congonhas do Campo é universalmente conhecida por albergar a obra máxima do Aleijadinho, as extraordinárias esculturas que concebeu em madeira para as capelas dos passos e em pedra sabão para o pequeno escadório.

Mas já não tem sido tão lembrado que a origem arquitectónica deste sacromonte esteja em Braga, no Bom Jesus do Monte, que a invocação escolhida, Bom Jesus de Matosinhos, seja a de um conhecido santuário situado nos arredores da cidade do Porto. E que o homem que lhe deu origem, Feliciano Guimarães, seja oriundo de uma freguesia rural do concelho de Guimarães²³.

Ainda mais um outro caso, sem dúvida mais interessante porque não se refere a uma obra mas sim a um artista; pena é que, até ao momento, seja caso isolado. Em 1737 encontrava-se em Braga um jovem chamado Pedro Ferreira, natural de Sabará²⁴. Por razões que se desconhecem vinha à cidade arcebispal para aprender a arte da pintura com o mais conceituado mestre da

²³ - Não deixa ainda de ser curioso que o mais interessante estudo até hoje publicado sobre o santuário do Bom Jesus do Monte seja da autoria de uma investigadora mineira, Mónica Massaro (*Santuário do Bom Jesus do Monte ...*)

²⁴ - Sobre este caso veja-se o estudo de Ivone da Paz SOARES *Pedro pintor ...*

cidade, João Lopes. Só lamentamos que, depois, se lhe tenha perdido o rasto quer no Minho, quer em Minas Gerais.

Mas há um dado que deve ser referido: no contrato que foi lavrado é referido que o responsável pelo pagamento desta aprendizagem era Lourenço Mendes, escrivão da câmara de Valença do Minho. Não nos admiraríamos que numa investigação mais profunda se viesse a encontrar entre os livros de assento de baptismo de alguma das freguesias de Valença o nome do pai de Pedro Ferreira! São tramas que ainda se não conhecem, teias humanas que o extenso Atlântico não conseguiu separar.

E que artistas podemos nós apontar?

Num apanhado que fiz há alguns anos, tendo essencialmente como base o magnífico trabalho de Judith Martins, pude constatar que para a esmagadora maioria dos artistas não havia indicação de origem, ou de local de nascimento²⁵. Como se sabe, poucas são as fontes em que se podem encontrar dados biográficos sobre os artistas com quem se contratam obras.

Pena é que nem sempre possa ser conhecida a proveniência exacta desses artistas quando a documentação nos fornece alguns dados sobre a obra a executar. Lembremos só que na documentação mineira, muitas vezes, apenas é referido que este artista é proveniente do *arcebispado de Braga*. O que, dando já alguma informação geográfica, não deixa de ser bastante vago porque no século XVIII o arcebispado era muito extenso, abrangendo também uma parte significativa da actual província de Trás os Montes.

No estudo que acima referimos apenas tivemos em atenção os artistas naturais do Minho, sem a área do distrito e diocese do Porto, portanto. Escrevemos então o seguinte:

... encontramos 88 nomes. O mais antigo tem actividade referida em Minas a partir do ano de 1720, mas uma grande percentagem apresenta datações de meados e segunda metade do século XVIII.

²⁵ - *Artistas minhotos que trabalharam em Minas Gerais (Brasil) no século XVIII*. Inserido na nossa colectânea *Estudos sobre o século XVIII em Braga ...* 207-228.

Na sua maioria provêm dos principais centros urbanos minhotos: Braga com 16, Guimarães, com 15, Barcelos com 6 e Viana do Castelo com 4, etc., (mas não devemos deixar de assinalar um entalhador oriundo de Landim!).

A actividade principal que estes artistas vieram a exercer em Minas foi a de carpinteiro (28 artistas); seguem-se os ferreiros (22 artistas) o que nos faz pensar que muitos deles poderão nada ter a haver com actividade artística directa (encontramos, por exemplo, apenas um serralheiro); carapinas são 12, pedreiros, 9; entalhadores, 6. A lista completa-se com três architectos, dois ourives, dois pintores, dois marceneiros, um engenheiro e um serralheiro. Alguns, poucos, destes artistas tinham actividade em mais do que um ofício.

Claro está que esta lista seria muitíssimo maior se houvesse outras mais fontes tratadas. Tanto quanto sabemos, por exemplo, são ainda muito poucos os historiadores de arte que se têm preocupado em explorar o excepcional manancial de informações que são os livros notariais para estudar o fenómeno artístico mineiro.

Apresentaremos de seguida referências biográficas sobre alguns dos mais conceituados artistas mineiros oriundos desta região de Entre Douro e Minho.

António Pereira de Sousa Calheiros é uma das mais misteriosas personagens do barroco mineiro. Em várias petições que apresentou dizia ser natural de Braga e que se tinha licenciado em cânones, na Universidade de Coimbra.

Não encontramos o seu rasto na cidade de Braga. Sabemos que em 1732 ou 1733 estava no Rio de Janeiro. E em 1736 em S. José do Rio das Mortes, actual Tiradentes. Quando chegou ao Brasil não tinha riqueza, mas teve a sorte de vir a fazer um casamento rico, abandonando depois alguns dos anteriores amigos. Na já referida carta de José Álvares de Azevedo pode ler-se a seguinte passagem:

E ele [Pedro Monteiro de Sousa, entalhador] do que se estimou foi de lhes escreverem misérias da sua casa a um António Pereira Pereira (sic) Calheiros, filho de outro Calheiros de Braga, que há cinco para seis anos veio para aqui. Ele o trouxe do Rio de Janeiro, pelo amor de Deus. E hoje, como casou rico, se não trata com o dito Monteiro, por vergonha de saber-lhe como veio para esta terra²⁶.

Tanto quanto se sabe Calheiros teve a oportunidade rara de vir por duas vezes, pelo menos, a Portugal para tratar de assuntos da câmara de S. João del Rei.

Segundo a famosa biografia do Aleijadinho, escrita por Rodrigo Bretas, Calheiros tinha sido autor dos projectos de duas das mais importantes igrejas mineiras: as de S. Pedro dos Clérigos, em Mariana e a do Rosário dos Pretos, em Ouro Preto, esta com a mais extraordinária planta entre os templos do mundo português. Seu era, ainda, o desenho do retábulo da matriz de António Dias, de Ouro Preto.

Com muitas reservas acrescentei a hipótese de vir a ter sido o autor da igreja das Mercês, de S. João del Rei, feita talvez em 1750, também ao gosto da rotunda de Roma, como era costume dizer-se em Minas quando se queria referir uma igreja de planta centrada²⁷. E com mais alguma plausibilidade a autoria do projecto que foi enviado de Tiradentes para Braga, para ser construída a capela de Santo Ovídio, conforme o desejo do capitão-mor daquela cidadezinha mineira José Álvares de Azevedo²⁸.

São duas as possíveis relações entre a sua arte conhecida com aquela que se fazia em Braga. Uma tem a ver com a opção que tomou de fazer projectos de templos com planta centrada. Não que na sua cidade natal não fossem frequentes as plantas rectangulares; mas a verdade é que também abundava este tipo de planta nos mais variados tipos de templos.

²⁶ - Refira-se ainda que em S. José do Rio das Mortes Sousa Calheiros veio a ser nomeado Juiz dos Órfãos no ano de 1737, provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento em 1741 (e lembramos que só entravam para esta irmandade pessoas de avultadas posses) e sargento-mor em 1744.

²⁷ - *De Braga para Minas Gerais no século XVIII ...*

A outra diz respeito com a similitude da solução encontrada para a parte inferior da fachada do Rosário dos Pretos – uma tríplice arcada curva – com a que tinha sido utilizada no final da década de 10 de setecentos na capela de Guadalupe, um pequeno templo de planta centrada que muito possivelmente poderia ter visto nos tempos da sua juventude bracarense, antes de procurar melhor vida em terras mineiras.

Francisco de Lima Cerqueira nasceu na freguesia de S. Mamede, concelho de Valença, já na fronteira com a Espanha.

Em 1761 estava já em Minas; e em 1763 estava em Ouro Preto onde arrematou o chafariz e encanamento do Alto das Cabeças; dois anos mais tarde vêmo-lo em Congonhas para fazer um acréscimo nas torres do santuário do Bom Jesus de Matosinhos e de novo em 1769 para construir a capela-mor deste templo. Voltou depois a Ouro Preto para fazer o pórtico, arcos do coro e lavatório da sacristia da igreja da Ordem Terceira do Carmo.

A partir de 1774 encontrámo-lo a dirigir as obras da bela igreja de S. Francisco de S. João del Rei, segundo um projecto que pertencera ao Aleijadinho. Mas durante as obras propôs outras soluções que vieram a ser aceites, sendo hoje difícil saber em que ponto começou a mostrar os seus dotes como arquitecto, a intervir no desenho inicial do Aleijadinho; artista que, curiosamente, o poderá ter apoiado neste projecto pois foi o executor das partes da escultura ornamental da portada desta igreja e da que Lima Cerqueira construiu nesta mesma cidade para a Ordem Terceira do Carmo.

Morreu pobre, no ano de 1808²⁹.

O engenheiro **José Fernandes Pinto Alpoim** era filho do sargento-mor Vasco Fernandes Pinto Alpoim. Nasceu em Viana do Castelo no ano de 1700.

Viana era então uma cidade muito importante no domínio da engenharia militar. Vários foram os mestres que nasceram e serviram naquela

²⁸ - *“Brasileiros” e bracarenses ...*

²⁹ - Sobre a figura deste mestre de pedraria e, também, arquitecto, veja-se o trabalho já citado de Luís Melo ALVARENGA – *Francisco de Lima Cerqueira ...* e o de Miriam Ribeiro de OLIVEIRA – *Minas Gerais e o rococó ...*

cidade e vieram a ter uma actividade notável em todo o Minho. Lembramos apenas os nomes de Miguel Lescole e Manuel Pinto Vilalobos.

Alpoim tem uma notável obra espalhada pelo Brasil, sobretudo no domínio da sua arte, a engenharia militar.

Sabe-se que em Minas trabalhou na cidade de Ouro Preto onde, de 1736 a 1743 executou diversas actividades na obra do Palácio dos Governadores, sendo sua, aliás, a planta. Em 1745 projectou o edifício para uma casa da Câmara e cadeia (não executados) e a fonte junto à Senhora Santa Ana.

O seu trabalho em relação a Mariana teve um cariz diferente pois foi o autor da planta da nova cidade em data infelizmente desconhecida.

O edifício do Palácio dos Governadores pouco difere de outras construções de carácter militar que se podem ver em algumas povoações do litoral do Norte de Portugal. Tem o aspecto exterior de um pequeno forte em cujo pátio interior foi inscrita uma construção de carácter utilitário, embora de dimensões superiores às normais como, aliás, a sua função de edifício mais importante da Capitania exigia. A pedra de armas, sobre a janela / varanda central do piso superior acentuava aquela função hierárquica.

Pedro Monteiro de Sousa é um dos poucos artistas minhotos / mineiros sobre quem já foi possível encontrar elementos da sua actividade profissional ainda antes de atravessar o Atlântico.

Em Braga, onde nasceu em 1699, foi um entalhador que granjeou grande prestígio pois realizou retábulos para algumas das mais conceituadas igrejas da cidade.

Na catedral bracarense executou um retábulo - em 1721 - para a poderosa confraria de Nossa Senhora do Rosário; dois anos mais tarde sabemos que fez outro para a suburbana confraria de Santo Adrião. Ambos estes retábulos estão hoje perdidos. Saliente-se que poucos foram os artistas que trabalharam na renovação barroca da Sé porque as obras eram totalmente supervisionadas pelo poderoso e intransigente arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles³⁰.

³⁰ - Para uma breve impressão sobre este artistas veja-se o nosso "*Brasileiros*" e *bracarenses* ..., pág. 222.

Em 1726 temos a notícia de que voltou a trabalhar para um templo de primeira grandeza, a igreja do colégio de S. Paulo, onde funcionavam os estudos universitários bracarenses, sob a orientação da Companhia de Jesus. Para aqui entalhou o retábulo de santa Úrsula, em estilo nacional. Os outros dois retábulos seriam, com toda a certeza, semelhantes.

Deve ter “emigrado” para Minas por volta de 1730, para a vila de S. José do Rio das Mortes. Apesar de ser um entalhador conceituado a sua saída deve ter sido causada por problemas de ordem económica. É o que se depreende da aqui já várias vezes referida carta de José Álvares de Azevedo:

... Falei a Pedro Monteiro tudo quanto V.^a Mercê na sua me insinua. Me disse que a frota ia com brevidade, que se dizia não podia mandar nada. O apertei com ele que o havia fazer ir para o reino, em chegando aqui o visitador. Respondeu-me que não, ainda que o excomungasse, porquanto lá não tinha nada, que o enganaram os parentes da sua mulher. E que se lhe V.^a Mercê alcançasse a escritura de doação que lhe mande o aviso, que ele logo ia muito depressa; e aliás viria para cá sua família. Que antes cá farto, que lá faminto. E me disse mais que se vier a dita escritura que, logo se não for, me havia de dar 400\$000 reis, para remeter a sua família.

O conhecimento que hoje temos sobre a sua obra mineira é devido a Judith Martins e, sobretudo, ao estudo que Olinto Rodrigues dos Santos Filho realizou sobre a talha joanina da matriz de Tiradentes. Aqui, entre várias outras obras (como, por exemplo, os caixilhos das frestas, 1738-1739), Pedro Monteiro entalhou os dois retábulos do Descendimento de Cristo (1734) e Senhor dos Passos (1737), já em estilo joanino.

Estes dois retábulos têm uma estrutura muito semelhante:

Espécie de quartelão ornado com conchas, acantos e meninos, com capitel coríntio, ao que se segue um arco com aduelas com os mesmos motivos. Sobre o arco uma sanefa curva ao gosto do Porto e Braga (inclusive S. Vítor, onde o mestre foi

*baptizado) sustentada por dois meninos seminus. Na parte côncava uma coluna (que no Descendimento foi tirada para abrir os dois nichos em 1770) seguida de um respaldo em talha rasa, renda de tribuna em volutas e um arco à moda de dossel com lambrequins*³¹.

Lembremos ainda que a parte mais interessante da talha joanina desta igreja, o fabuloso retábulo-mor e todo o restante trabalho da capela-mor, para mim o mais espectacular de todo o território brasileiro, foi realizado por João Ferreira Sampaio, um entalhador que Olinto Santos acredita ser natural da região de Braga. Sampaio ou S. Paio é um apelido muito frequente na zona de Landim (concelhos de Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso), região que é sobretudo conhecida no século XVIII pela qualidade dos seus entalhadores. A sua arte correu todo o Norte de Portugal, tendo chegado também a Minas. Judith Martins recenseou um artista de Landim, Francisco Nunes (faleceu em 1735), autor de uma obra de talha na freguesia de S. Caetano e de outros trabalhos não discriminados que executou para a irmandade dos Passos da cidade de Mariana.

Francisco Vieira Servas nasceu no lugar de Servas, freguesia de Eira Vedra, concelho de Vieira do Minho. Foi baptizado no dia 2 de Janeiro de 1720. A sua ascendência directa entroncava em carpinteiros. Faleceu em Sabará no ano de 1811, onde fez testamento³².

Segundo os mais diversos historiadores de arte brasileiros foi um escultor extraordinário que veio a ser *ofuscado pelo brilho do seu ilustre contemporâneo*³³, o Aleijadinho.

A sua obra mais antiga referenciada teve lugar em Catas Altas, na matriz de Nossa Senhora da Conceição. Refere-se a ela um pagamento que lhe foi feito em 1753 pela irmandade do Santíssimo Sacramento. Depois há várias outras informações, entre elas as relativas aos retábulos do Rosário de

³¹ - *A talha joanina da igreja matriz de Tiradentes (Brasil). Autoria e modelos portugueses. ...* pág. 123.

³² - Agradeço à querida Amiga Arq. Selma Miranda o ter-me dado a conhecer este testamento existente no Arquivo Histórico do Museu do Ouro (Sabará). A sua cota é a seguinte: L. 86 Tes. 1811 (Livro de Registo de Testamentos), fol. 51-58v.

³³ - Miriam Andrade Ribeiro de Oliveira – *A difusão do rococó religioso em Portugal e no Brasil. Pesquisas das influências e escolas regionais ...* pág. 433

Mariana (1775-1776) aos retábulo-mor e retábulo do lado do Evangelho do templo do Carmo, de Sabará (1806/1809 e 1778); capela-mor da igreja de S. José de Barra Longa (1784), quatro anjos tocheiros no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos³⁴ (1777), etc.

Segundo a mesma autora

A presença no coroamento de um gracioso motivo sinuoso que Germain Bazin comparou à arbaleta medieval, identifica-o imediatamente. Esse motivo, de que desconhecemos procedentes imediatos em Portugal, é geralmente ladeado por rocalhas flamejantes e complementado de elegante sanefa com lambrequins. Insere-se em uma arcada côncava em arco pleno, apoiada no entabelamento que encima os suportes, constituídos por colunas rectas estriadas na parte externa do retábulo e pilastras misuladas ladeando a tribuna.

José Soares de Araújo nasceu na freguesia urbana de S. Vítor, em Braga.

Em 1766 foi nomeado guarda-mor das terras e águas minerais do Arraial do Tijuco do Serrofrío. E em 1769 guarda-mor substituto da Vila do Príncipe. Faleceu em Diamantina em 1799.

A sua obra está já bastante bem estudada por Mónica Massaro e António Santos³⁵ para onde remetemos os leitores. Lembramos apenas que embora aceitasse fazer os mais diversos trabalhos de pintura e douramento em retábulos a sua especialidade esteve na pintura de tectos de que ainda hoje existem vários exemplares em alguns templos da cidade de Diamantina, nomeadamente nas do Carmo e S. Francisco de Assis e noutras pequenas cidades daquela região sertaneja, em que destacamos forro rectangular da igreja de Santana de Inhaí, onde executou a sua obra mais importante como pintor de perspectiva.

³⁴ - Estas imagens já foram objecto de um estudo aprofundado feito por Beatriz COELHO e Marcos HILL - *Francisco Vieira Servas e os anjos tocheiros de Congonhas ...*

³⁵ - *O jogo barroco em José Soares de Araújo – Pintor bracarense em Minas ...*

Torna-se difícil dizer-se que na sua obra perpassam sobretudo os momentos da arte que poderia ter visto em Braga nos anos da sua juventude. A cidade dos arcebispos tinha e ainda tem um interessantíssimo conjunto de tectos pintados, sobretudo, nas décadas de 20 e 30 da centúria de setecentos. Mas se é certo que há na sua obra momentos que podem lembrar o tecto da capela-mor da igreja do convento feminino do Salvador ou os tectos do coro baixo da catedral, não pode haver dúvida que José Soares de Araújo também os poderia ter encontrado de outra forma diferente.

Esses artistas devem ser uma ponta do “iceberg”, de um todo que deverá ter enxameado pela imensidão do espaço de Minas ...

Repito o que atrás disse: há uma imensidão de trabalho a fazer para se conhecer o passado de Minas e a sua ligação a Portugal e, muito particularmente, à sua região mais setentrional, Entre Douro e Minho.

Se nos lembrarmos que há outros factos paralelos que nos mostram vivências culturais, mais importante se torna encetar esse trabalho de pesquisa. Por muito risível que possa parecer temos que procurar os actos do subconsciente, temos que os trazer à memória para depois os analisar.

Basta lembrar apenas dois factos: a couve galega de Entre Douro e Minho, base do famoso caldo verde, é conhecida em Minas como couve mineira, embora seja depois confeccionada de forma diferente. Tanto quanto sabemos não era utilizada até há poucos anos em mais nenhum outro local do mundo!

Outro facto a reter é o da necessidade que encontramos em muitíssimas pessoas de Minas Gerais de procurar as suas raízes em Portugal e, com um muito particular acento, no território de Entre Douro e Minho!

Há que continuar o trabalho de pesquisa já individualmente iniciado. Há que encontrar um organismo que coordene esse projecto, que coopte investigadores, que mantenha permanentemente aberta à comunidade científica uma grande base de dados onde seja possível cruzar todas as informações para que muitas das dúvidas, muitas das hipóteses que agora se lançam possam ser resolvidas de vez, ou afastadas.

Há que acabar com o isolamento cultural em que vive a investigação destas duas regiões; é imperioso unir os seus investigadores para a necessidade de reconhecer um passado que é comum.

Perdoe, mas há outra pergunta que lhe gostaria de fazer. Já disse que era difícil estes homens voltarem a Portugal; mas também disse que não era impossível. Há reflexos na arte portuguesa da estadia mineira destes homens?

Tanto quanto já pudemos pesquisar não há reflexos directos da especificidade da arte mineira na arte de Entre Douro e Minho do século XVIII. Não encontramos formas que se possam dizer típicas da arte de Minas Gerais que se tenham incorporado na arte da mais setentrional região portuguesa.

O cocar de plumas que é tão vulgar na talha setecentista da velha metrópole é algo que deve pertencer a todo o Brasil e não apenas a Minas.

A casa de fazenda brasileira com grande varanda à volta, ou o palacete com enormes clarabóias e com os tectos e outras superfícies interiores recobertas de pinturas de feição tropical que tão vulgares foram na arte portuguesa – e não apenas de Entre Douro e Minho - nos finais do séc. XIX e inícios do actual também não são um produto tipicamente mineiro.

Mas há outras formas quase “subterrâneas” que nos permitem dizer que sem Minas Gerais não teria sido feita muita da arte da região minhota. Referimo-nos à arte construída a partir das remessas de dinheiro continuamente enviadas pelos colonos.

Foram imensas as capelas levantadas com o ouro mineiro, os retábulos construídos, os douramentos feitos a partir desses dinheiros. Uma vez o dinheiro é enviado sem haver obrigação para a confraria a que é oferecido o utilizar numa obra determinada; outras vezes são as irmandades ou misericórdias da metrópole que, ou fazem pedidos directos de dinheiro ou enviam imagens para que circulem e sejam expostas à veneração dos fieis para os exercitar à oferta das almejadas esmolas.

Muitos, muitíssimos outros poderiam ser os exemplos merecedores de ser aqui mostrados; mas apresentaremos apenas os seguintes, embora nem todos sejam referíveis directamente a Minas Gerais:

Retábulos:

*Aos seis dias do mês de Outubro de 1721 ... propôs a todos o dito juiz que por muita necessidade que havia nesta igreja de **um retábulo para o altar maior**, e por estar muito danificado o velho que nela estava, e se achar esta irmandade com um dinheiro que veio do Brasil da aceitação de uns irmãos, e mais outro procedido do legado de uma missa quotidiana que se aceitou, e que de todo esse se podia tirar o dinheiro para o pagamento do dito retábulo, e que ficava ainda dinheiro para, do rendimento dele, dar esta irmandade satisfação às obrigações que aceitou, e mais com muito sobejo, por cuja causa lhe propôs se vinham todos em que se mandasse fazer a dita obra; e andando a caixa se venceu por favas brancas que se mandasse fazer o dito retábulo, em madeira somente, com toda a perfeição; e que para o pagamento dele se tire o dinheiro do curso dele do tal dinheiro procedido do dito legado da missa quotidiana que se aceitou e dinheiro que veio do Brasil dos irmãos que lá se aceitaram ...*³⁶

Douramento de retábulo:

16 de Agosto de 1739 ... aí se propôs uma petição que a esta Santa Casa fez o reverendo Lourenço Valadares Vieira, tesoureiro mor na sé do Rio de Janeiro, estados do Brasil, em que pediu se lhe aceitasse um legado de 120\$000 reis ânuos para sustentação de uma missa quotidiana que quer deixar na sua capela de N^a S^a da Conceição, que de novo erigia no concelho de Ribeira de Pena, para o que oferecia 12.000 cruzados. E andando a caixa, por se considerar que dele resultava utilidade à casa, se venceu por mais votos o dito legado, com declaração que o rendimento que sobrasse depois de satisfazer os ditos 120\$000 reis ficasse perpetuamente aplicado para a fábrica da igreja enquanto (?) lugar e

³⁶ - Arquivo da Igreja de S. Vicente, Braga. Irmandade de S. Vicente. Livro de termos nº 4, fol. 26v.

sacristia e casa; e que desse rendimento se dourará o **retábulo** para o que andaré este dinheiro separado do mais; e quando se desse a juro se faça menção que é deste legado ...³⁷

Ourivesaria:

Termo de mesa em que se receberam nove moedas de ouro que se deram de esmola para uma custódia ... e se deu a custódia a fazer ...

*28 de Junho de 1725 ... se recebeu nove moedas de ouro de 4\$800 reis da mão do capitão Domingos Gomes Lages, desta cidade, os quais tinha mandado de esmola João Machado Pereira, do Rio de Janeiro, para ajuda de uma **custódia** a qual servirá nas funções de quando se expuser o Senhor na igreja de São João Marcos, que para isso se aplicou o dito devoto João Machado Pereira por uma carta que escreveu a esta Santa Casa ... e mais se deu a fazer a custódia de prata mencionada neste termo a António Fernandes, ourives, da rua Nova, que fez um escrito de obrigação em que se ajustou dar-se de feitio 96\$000 reis ...³⁸*

Envio de imagem para pedir dinheiro para obras:

Termo em que se mandou uma imagem de S. João Marcos para a Misericórdia do Rio de Janeiro ...

*11 Fevereiro de 1721 ... foi vista uma imagem de S. João Marcos que se tinha mandado fazer para se remeter para a Misericórdia do Rio de Janeiro, para com ela se **pedir nos estados do Brasil**, para cujo efeito se escreveu à dita Misericórdia uma carta cuja cópia fica na gaveta debaixo do crucifixo, a qual imagem e carta*

³⁷ - Arquivo Distrital de Braga. Santa Casa da Misericórdia de Braga. *Termos da Mesa*, vol. 13, fol. 192-193.

³⁸ - Arquivo Distrital de Braga. Santa Casa da Misericórdia de Braga. *Termos da Mesa*, vol. 12, fol. 78v-79.

*foi entregue a António da Silva, enteado de José de Araújo, tesoureiro desta Santa Casa ...*³⁹

Envio de dinheiro sem um fim directamente ligado com obras:

*Aos 23 dias do mês de Abril de 1724 ... entregou uma carta que a esta mesa remeteu o nosso irmão João Soares Braga, morador em S. Pedro do Monte da Cachoeira, Arcebispado da Baía, em que nos remetia quinze moedas de ouro de 4\$800 reis, a saber 42\$000 reis procedidos das entradas dos irmãos que ainda não tinham pago, suposto estes não estavam carregados por irmãos e 20\$000 reis procedidos de quatro irmãos novos que nos remeteu e seus nomes, do que logo foram assentados nos livros por virem suas entradas a 2\$040 reis para lhe mandarmos dizer duas missas por tenção do irmão André Carvalho Ribeiro, uma no altar de São Pedro de Rates, outra no altar do nosso santo ...*⁴⁰

Outras vezes havia em que as confrarias apenas pediam que lhes fosse enviada a boa madeira brasileira – e não apenas mineira, de difícil acesso dada a distância a que se situava do mar – para as portas principais dos seus templos ou outras aplicações. E não nos podemos esquecer da incrível quantidade de madeira de pau preto e angelim que foram utilizados sistematicamente escolhidas para se fazerem grades, arcazes, etc.

Manuel Leão diz-nos, por exemplo, que entre 1656 e 1658 o mosteiro de Tibães, casa mãe da Ordem Beneditina, situado nos arredores de Braga, *recebeu três remessas de couçoeiras para as obras*⁴¹.

Ainda a título de exemplo poderemos juntar outra informação, embora referente à Baía:

³⁹ - Arquivo Distrital de Braga. Santa Casa da Misericórdia de Braga. *Termos da Mesa*, vol. 11, fol. 223v. Todos estes negritos são, naturalmente, nossos.

⁴⁰ - Arquivo da Igreja de S. Vicente, Braga. Irmandade de S. Vicente. *Livro de termos nº 4*, fol. 84v-85.

⁴¹ - Veja-se o seu artigo acima referido, pág. 47.

Aos 25 de Setembro de 1718 ... foi proposto e lido uma carta que veio da Baía, da mão de João Soares Braga, natural que foi desta rua de S. Vicente e assistente em a freguesia de S. Pedro do Monte da Cachoeira, arcebispado da cidade da Baía, nos estados do Brasil, feita a dita carta em 6 de Outubro de 1717, em resposta de outra que a mesa do ano passado de 1717 tinha mandado ao dito João Soares Braga pedindo-lhe **madeira para fazer as três portas da nossa igreja**, por esmola. E vista a dita carta e resposta que no cartório se achara na gaveta das escrituras e tomado suma do seu narrado. Com efeito se respondeu a ele em 25 de Setembro de 1717 e se lhe mandou dizer que ia (ilegível por borrão) para ele lá naquelas partes pedir esmola. Juntamente se lhe mandou uma petição para meter (ilegível por borrão) da Baía, com uma bula de S. Vicente dentro, para este dar licença para pedir as ditas esmolos e que sendo caso (ilegível por borrão) nos remetesse **oito dúzias de pau angelim amarelo** e que os sobejos nos remetesse em dinheiro, tudo remetido à cidade do Porto, ao mercador António Teixeira Dias, morador na rua das Aldas que esse remeter (sic) tudo a esta mesa. E se lhe mandou também dizer que vindo a madeira e resto das esmolos, que esta mesa pelo trabalho que nisso havia de ter lhe prometia metê-lo, e a sua mulher Paula Madeira, irmãos remidos, do que logo se lhe mandou uma bula para ver as suas indulgências. E outrossim se lhe mandaram mais quatro bulas para repartir por uns nossos paisanos, que na carta diz querem ser irmãos remidos e que queriam dar **madeira para uma porta** ...⁴²

Por estes exemplos poderemos ver a excepcional importância que as remessas de dinheiro ou materiais de construção tiveram no quotidiano de Entre Douro e Minho.

⁴² - Arquivo da Igreja de S. Vicente, Braga. Irmandade de S. Vicente. Livro de termos nº 3, fol. 240v-241.

Mas outros, de cariz diferente, podem ser juntos. O mais interessante é o que já em 1995 apresentamos num colóquio Luso - Brasileiro⁴³:

Em 1735 foi lavrado em Braga um acto notarial em que, por intermédio de procuradores, José Álvares de Azevedo, cavaleiro professo na Ordem de Cristo e capitão-mor das ordenanças de S. José do Rio das Mortes, mandava fazer uma pequena capela na povoação de Caldelas, concelho de Amares, com a invocação de Santo Ovídio.

Segundo este documento seria construída

*... toda a dita obra da dita igreja de Santo Ovídio **na forma das plantas que vieram da dita cidade do Brasil**, com todas as piranimas (sic) cimalthas, perfis cunhais e grossuras de parede e alturas e abóbadas declaradas nas ditas plantas três*

...⁴⁴

Facto extremamente curioso a salientar é o do envio das plantas. Não conhecemos na arte de Entre Douro e Minho outro edifício em que o projecto tenha vindo do Brasil em data tão recuada.

Naquela data escrevemos ainda:

A capela é um templo de planta centrada, como muitos que se fizeram em Braga naquele século. O seu corpo central, mais elevado, pode ver-se, por exemplo nas capelas de S. Sebastião das Carvalheiras, ou de Guadalupe, de 1715 e 1718/19 respectivamente; mas veio a conhecer um longo sucesso durante todo aquele século como se pode ver nas igrejas de Nossa Senhora da Lapa, desenhada em 1769 por André Soares, para a vila minhota dos Arcos de Valdevez ou a do Hospital, de Braga, concebida em 1786 por Carlos Amarante, já no fim do século.

⁴³ - Veja-se o nosso artigo acima referido "Brasileiros e Bracarense ...

⁴⁴ - Veja-se o nosso artigo supra "Brasileiros e Bracarense ...", pág. 224. Este documento guarda-se hoje no Arquivo Distrital de Braga (Tabelião Público de Braga, 2ª série, vol. 106, fol. 166-166v). Está transcrito naquele artigo, pág. 232-233.

Se nos lembrarmos daquelas duas capelas bracarenses de Guadalupe e de S. Sebastião das Carvalheiras veremos igualmente um pórtico simples encimado por um frontão onde se inscreve uma pedra de armas; ou um conjunto de pirâmides, para dar ênfase à arquitectura⁴⁵.

E concluíamos depois, baseados numa carta já aqui citada, que esta obra poderia ter sido concebida por António Pereira de Sousa Calheiros, um bracarense que desde 1732 ou 1733 estava a viver em Tiradentes. O mesmo Calheiros que viria mais tarde a desenhar o templo de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, de Ouro Preto, cuja fachada, com a sua tríplice arcada, lembra bem a capela bracarense de Guadalupe (1715-1719)!

Neste caso a participação mineira numa obra minhota não se circunscrevia apenas ao envio de dinheiro mas, também, incluía o envio do projecto que, curiosamente, poderia ter origem num bracarense⁴⁶! Daí que haja toda a propriedade na inscrição que o encomendante mandou gravar sobre a porta, entre as aletas do frontão:

JOSÉ ALVES DE AZEVEDO, SARGENTO-MOR NA COMARCA DAS MINAS DO RIO DAS MORTES, CAVALEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CRISTO, NATURAL DA CIDADE DE BRAGA, MANDOU FAZER ESTA CAPELA NO ANO DE 1739.

Estes exemplos mostram-nos bem quão fortemente estava o emigrante preso à sua terra natal. Mas também nos dizem que a arte de Minas se encontrava então em perfeito paralelo com a que deste lado do Atlântico se ia fazendo.

E isso pode ver-se, também, nas casas que José da Silva Costa, personalidade de que apenas uma conhecemos escassos dados biográficos, decidiu fazer. Sobre a sua personalidade sabemos apenas que tinha estado um tempo não determinado algures no Brasil e voltara rico.

⁴⁵ - Veja-se o nosso artigo supra *"Brasileiros e Bracarenses ..."*, pág. 224-225.

⁴⁶ - Daí o jogo de palavras com que construímos o título da comunicação *"Brasileiros e Bracarenses ..."*

Tão rico que tendo decidido em 1731 construir uma casa no Campo de Santa Ana, em Braga, para sua habitação⁴⁷, optou por escolher estilo que então estava em moda na cidade na classe média - alta, isto é, uma casa que nada tinha a ver com a arquitectura em que se pudesse encontrar qualquer influência dos climas tropicais.

É muito curioso, neste contrato, o facto do futuro proprietário não se ter querido abalançar à factura de um modelo de habitação por si idealizado. O que ele decidiu foi que a sua casa fosse construída conforme *a altura, largura e perfeições* que tinha a casa de Manuel Rebelo da Costa, que existia naquele mesmo campo.

Com aquelas palavras José da Silva Costa quis mostrar que desejava estar em consonância com o que, em qualidade e riqueza média, ia sendo construído por um estrato significativo da sociedade bracarense, rejeitando assim qualquer matriz brasileira.

E uma imensidão de outros exemplos semelhantes poderemos encontrar espalhados pela imensidão da documentação ainda inédita!

Com certeza que Minas Gerais não foi o único espaço brasileiro por onde se espalhou a arte e o engenho destes homens e onde as confrarias de Entre Douro e Minho foram buscar auxílio económico ...

Nem, também, o único para onde chegou o apoio dos que saíram deste Entre Douro e Minho em busca de fortuna!

Muitos casos se poderiam lembrar fora do alcance do espaço geográfico – Minas Gerais - que aqui nos propomos tratar, mas dentro das fronteiras do Brasil.

Naturalmente que não posso deixar de lembrar três casos: um respeitante à capitania da Baía; e os outros dois à cidade do Rio de Janeiro. E, como tem sido lema ao longo de todo este texto, em viagem de duplo sentido: Portugal - Brasil / Brasil – Portugal.

Já acima vimos que da Baía tinham sido enviadas as mais diversas madeiras e dinheiro para a irmandade de S. Vicente, em Braga. Nada mais

⁴⁷ - Arquivo Distrital de Braga. Nota do Tabelião Geral, 2ª série, vol. 48, fol. 166v-167v.

natural que aqui houvesse um grupo de bracarenses que tivessem prazer em enviar valores para a sua terra mãe. Mas o que já se torna invulgar é o facto de estarem organizados como irmãos da confraria de S. Vicente, de Braga! Aliás, no arquivo desta confraria ainda se conserva o *Livro dos irmãos que estão na Baía!*

Quanto ao Rio de Janeiro não podemos deixar de lembrar que no século XVIII por lá viveram durante várias décadas os famosos imaginários Frei Domingos da Conceição e Simão da Cunha, oriundos de Braga, artistas que encheram com as mais variadas obras o Mosteiro de S. Bento. Alguns historiadores de arte chegaram mesmo a afirmar que Simão da Cunha foi o mais importante escultor “carioca” do século XVIII⁴⁸.

Ou que nos anos de 1779 / 1780 o Tenente Coronel Francisco Xavier Correia nomeou um procurador para fazer levantar uma nova capela no corpo da igreja matriz da freguesia de S. Paio de Merelim, junto a Braga, para onde dera já em 1763 avultados bens para que no templo paroquial pudesse haver exposição permanente do Santíssimo Sacramento⁴⁹. Pena é que aquela capela tenha sido destruída um século mais tarde, não só porque subsiste o núcleo mais importante da documentação que então foi exarada em tabelião mas, também, porque o entalhador escolhido - Teodósio Álvares de Araújo - era um artista exímio e com um longo percurso, iniciado ainda em retábulos do período joanino⁵⁰ ...

Pelo que parece são mais os caminhos a percorrer que os já percorridos. São mais as falhas de conhecimento do que as certezas ...

É essa uma constante que nunca é demais salientar. Conhecemos, sem dúvida, alguns dos factos mais importantes do relacionamento artístico que existiu entre ambos os lados do Atlântico. Mas quando os queremos pormenorizar, quando desejamos encontrar os casos do quotidiano artístico, já

⁴⁸ - Veja-se o volume 7, de 1989, da revista carioca “Gávea” inteiramente ligado ao Rio de Janeiro no século XVIII.

⁴⁹ - Arquivo Distrital de Braga. Nota do Tabelião do Couto de Tibães, 2ª série, vol. 26, fols. 71-73v; 151-152, etc.

⁵⁰ - Arquivo Distrital de Braga. Nota do Tabelião Geral, 1ª série, vol. 823, fol. 178v; vol. 823, fol. 179; vol. 828, fol. 17v.

as malhas estão demasiado lassas não nos permitindo entrar nesses meandros.

Perdemos então o sentido primeiro destas obras: a razão pela qual elas foram criadas. Quando nos limitamos a ficar extasiados com a sua beleza deixamos passar ao lado a sua alma, a alma dos Homens que a encomendaram, a alma dos Homens que a criaram.

Sem um trabalho intenso de pesquisa em ambas as partes deste mar Atlântico, sem um organismo que tenha capacidade de criar uma base de dados e servir de apoio a todo um trabalho contínuo de sapa continuaremos apenas a perdermo-nos nos lugares comuns da análise formal, da tipologia, do conhecimento externo.

Uma obra de arte é um reflexo privilegiado do conhecimento e da evolução de um povo. Neste caso, as obras de arte mineiras do século XVIII são um paradigma porque representam a criação de um povo em forte mudança, de um povo que está longe da sua casa mãe, dos seus lugares de origem. São o início de uma outra arte que esse mesmo povo virá a criar num espaço que na centúria seguinte se tornará independente, iniciará um percurso próprio.

BIBLIOGRAFIA

MANUSCRITOS

Braga

Arquivo Distrital de Braga:

Livro que contém diferentes Alvarás de diversos reis.

Nota do Tabelião do Couto de Tibães, 2ª série, vol. 26.

Nota do Tabelião Geral, vols. 823, 828.

Nota do Tabelião Geral, 2ª série, vol. 48.

Tabelião Público de Braga, 1ª série, vol. 50.

Tabelião Público de Braga, 2ª série, vol. 96, 106.

Santa Casa da Misericórdia. Termos da Mesa, vol. 11; vol. 12; vol.

13.

Arquivo da Igreja de S. Vicente:

Irmandade de S. Vicente. *Termos da Mesa 1720-1720; Termos da Mesa 1720-1736 e Termos da Mesa 1748-1765. Livro dos Irmãos que estão na Baía.*

Belo Horizonte

Arquivo Público Mineiro:

Códices SC 102, 129

Sabará

Arquivo Histórico do Museu do Ouro

L. 86 Tes. 1811 (Livro de Registo de Testamentos)

São João del Rei

Biblioteca Municipal e Arquivo

Livro nº 142 – *Registo das Ordens Régias e Cartas de Governadores 1744 a 1752.*

IMPRESSOS

ÁVILA, Afonso - *Iniciação ao barroco mineiro*. São Paulo, Nobel, 1984.

BAZIN, Germain - *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. 2 vols. São Paulo - Paris, Museu de Arte - Librairie Plon, 1956.

BOSCHI, Caio César – *Os leigos e o poder. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo, Ática, 1986.

BOTTINEAU, Yves – *Iberian - american baroque*. S/I; Benedict Taschen, s/d.

BRETAS, Rodrigo José Ferreira - *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. In: *Antônio Francisco Lisboa. O Aleijadinho*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, 1951, p. 23-35. (Publicações da Directoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 15).

BURY, Jonh - *Arquitectura e arte no Brasil colonial*. São Paulo, Nobel, 1991.

CARRATO, José Ferreira - *Uma casa portuguesa com horta e jardim, nas Minas Gerais do século XVIII*. “Revista de Guimarães”, Guimarães, 81, 1971. Sep.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos; HILL, Marcos César de Senna – *Francisco Vieira servas e os anjos tocheiros de Congonhas*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES E RESTAURADORES, 8º, 1996, Ouro Preto – *Actas*. Rio de Janeiro, ABRACOR, 1996, pág. 169-177.

CINTRA, Sebastião de Oliveira - *Efemérides de S. João d' El Rei*. 2ª ed., vol. 1, Belo Horizonte, Imp. Oficial, 1982.

FONTES, Lucy Gonçalves - *Relação das colecções de documentos dos séculos XVII e XIX existente na cidade de Tiradentes*. “Revista da Escola de Biblioteconomia. UFMG”, Belo Horizonte, 6 (1), Mar 1977, pág. 67-77.

FONTES, Lucy Gonçalves; FIUZA, Marysia Malheiros - *Relação dos códices do arquivo da Câmara Municipal de S. João del Rei (séc. XVIII-XIX)*. “Revista do Departamento de História. UFMG”, Belo Horizonte, Dez. 1987, pág. 101-147.

FORMAN, Vera Regina Lemos – *Dois mestres imaginários do Rio de Janeiro setecentista: Simão da Cunha e Pedro da Cunha*. “Gávea”, Rio de Janeiro, 7, 1989, pág. 128-145.

GONÇALVES, Flávio - *Mestres pedreiros gaienses que trabalharam no século XVIII, na Torre de Garcia d' Ávila*. “Gaya”, Vila Nova de Gaia, 2, 1984, pág. 259-271.

LEÃO, Manuel - *O Brasil e os artistas portuenses dos séculos XVII e XVIII*. “Museu”, Porto, 4, 1995, pág. 45-80.

MARTINS, Judith - *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. 2 vols. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1974. (Publicações do Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, 27).

MAURO, Frédéric - *O Império luso-brasileiro. 1620-1750*. Lisboa, Estampa ed., 1991. (Nova História da Expansão Portuguesa, 7).

MENESES, Ivo Porto de - *Documentação referente a Minas Gerais existente nos arquivos portugueses*. “Revista do Arquivo Público Mineiro”, Belo Horizonte, 26, 1975, pág. 121-303.

MOURÃO, Paulo Kruger Correia - *As igrejas setecentistas de Minas*. Belo Horizonte, Liv. Itatiaia, 1986.

NEGRO, Carlos del - *Escultura Ornamental Barroca do Brasil. Portadas de igrejas de Minas Gerais*. vol. 1. Belo Horizonte, Edições Arquitectura / UFMG, 1961.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - *Estudos sobre o século XVIII em Braga. História e Arte*. Braga, APPACDM, 1993.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - *"Brasileiros" e bracarenses na construção da arte do século XVIII bracarense e "brasileira"*. In: Actas do III Colóquio luso-brasileiro de História de Arte, Évora, Universidade de Évora, 1997, pág. 129-149. Também publicado em *Estudos sobre o século XVIII no Minho. História e Arte*. Braga, APPACDM, 1996, pág. 217-244.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *De Braga para Minas Gerais no século XVIII: Novos dados biográficos e artísticos sobre o arquitecto António Pereira de Sousa Calheiros*. In: *Estudos sobre o século XVIII no Minho. História e Arte*. Braga, APPACDM, 1996, pág. 245-278.

OLIVEIRA, Miriam Ribeiro de - *Minas Gerais e o rococó. Arquitectura e talha*. Lovaina, 1989 (mimeografado).

OLIVEIRA, Miriam Ribeiro de – *A difusão do rococó religioso em Portugal e no Brasil. Pesquisas das influências e escolas regionais*. In: SIMPÓSIO LUSO-ESPANHOL DE HISTÓRIA DE ARTE, 4º, Coimbra, 1987 – *Portugal e a Espanha entre a Europa e além-mar*. Coimbra, Instituto de História de Arte / Universidade de Coimbra, 1992, pág. 425-442.

OLIVEIRA, Miriam Ribeiro de - *Barroco e Rococó na arquitectura colonial mineira*. “Revista do IAC. Instituto de Artes e Cultura. Universidade Federal de Ouro Preto”. Ouro Preto, 1, Dez. 1994, pág. 13-19.

RAMOS, Donald – *From Minho to Minas: The Portuguese Roots of the Mineiro Family*. “Hispanic American Historical Review” North Carolina, 73 (4), Nov. 1993, pág. 639-662.

RIBEIRO, Darcy – *O povo brasileiro. A formação e sentido do Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 9ª reimpressão, 1997.

SANTOS, António Fernando Batista dos; MASSARA, Mónica - *O jogo barroco em José Soares de Araújo – Pintor bracarense em Minas*. “Barroco”, Belo Horizonte, 15, 1990-1992, pág. 435-439.

SANTOS, Eugénio dos - *Relações da cidade e região do Porto com o Rio de Janeiro e Minas Gerais no século XVIII*. In: Anais do I Colóquio de Estudos Históricos Brasil - Portugal. Belo Horizonte, Universidade Católica, 1994, pág. 147-160.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos - *A talha joanina da igreja matriz de Tiradentes (Brasil). Autoria e modelos portugueses*. “Minia”, Braga, 3ª série, 1993, pág. 117-139.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.) - *O Império Luso-Brasileiro. 1750-1822*. Lisboa, Estampa ed., 1986. (Nova História da Expansão Portuguesa, 8).

SMITH, Robert - *Os mausoléus de D. João V nas quatro partes do mundo*. “Revista da Faculdade de Letras”, Lisboa, 2ª série, 1, 1955. Sep.

SMITH, Robert C. - *Marceliano de Araújo, escultor bracarense*. Porto, Nelita editora, 1970.

SOARES, Ivone da Paz - *Pedro Pintor*. “Minia”, Braga, 3ª série, 1, 1993, pág. 141-151.

TAUNAY, Afonso de E. - *Relatos sertanistas*. S. Paulo, Itatiaia Ed., 1981.

VENTURA, Maria da Graça M. (coordenação) – *O barroco e o mundo ibero-atlântico*. Lisboa, Edições Colibri, 1998.

VIEGAS, Augusto - *Notícia de S. João d' El Rei*, 3ª ed, Belo Horizonte, 1969.

TAPIÉ, Victor-Lucien - *Rapprochement entre l'architecture religieuse de l' Europe Centrale et celle du Brésil au XVIII siècle*. "Bracara Augusta", Braga, 27 (76), 1973, pág. 565-570.

TAPIÉ, Victor-Lucien - *Barroco e classicismo*, 2 vols. Lisboa, Ed. Presença, 1974.

WEISZ, Suely Godoy – *Introdução a um estudo da imaginária setecentista carioca*. "Gávea", Rio de Janeiro, 7, 1989, pág. 107-127.